

JOGOS DE ALFABETIZAÇÃO: concepções em manuais didáticos do Programa Criança Alfabetizada

Aline Gomes de Souza¹

Eixo temático: 6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados da análise das concepções teóricas relacionadas aos jogos de alfabetização do Programa Criança Alfabetizada, lançado em 2019 pelo Governo do Estado de Pernambuco, com o objetivo garantir a alfabetização das crianças matriculadas na rede pública de ensino, até o final do segundo ano do ensino fundamental. Para isso, realizamos análise documental dos manuais didáticos do professor que compõem os materiais do referido Programa, no que se refere às concepções de ensino e aprendizagem da escrita alfabética, assim como às concepções sobre o uso dos jogos didáticos de alfabetização. A partir da análise de conteúdo, percebemos, por um lado, um distanciamento de concepções tradicionais de ensino da escrita alfabética e, por outro, a adoção de perspectivas construtivistas de tratamento da língua escrita, seu ensino e aprendizagem. No que se refere ao uso dos jogos, a proposta assumida inclina-se para a compreensão do artefato como recurso complementar do trabalho didático que requer a articulação com outras estratégias e recursos.

Palavras-chaves: Jogos de alfabetização; Concepções teóricas; Programa Criança Alfabetizada.

Introdução

Não há como negar a influência de concepções diversas na produção de discursos e recursos didáticos e pedagógicos, assim como nas metodologias empreendidas pelos docentes no cotidiano da sala de aula. Acreditamos que a produção de recursos e materiais didáticos e pedagógicos é atravessada pelas concepções teóricas de seus idealizadores, os quais o fazem à luz das referências que constituem os seus princípios epistêmicos. A coleção

¹ Doutoranda em Educação Contemporânea pela UFPE- CAA (PPGEduc). Contato: alines.ufpe@gmail.com

de jogos didáticos de alfabetização do Programa Criança Alfabetizada² por nós analisada resulta de um processo de concepção, produção, validação e legitimação acadêmica, sob a supervisão de profissionais especializados e reconhecidos no meio acadêmico e, em específico, da área de alfabetização.

Nessa direção, acreditamos que identificar e compreender as concepções teóricas que fundamentaram os recursos didáticos pode ajudar a compreender determinadas tendências subjacentes a eles, bem como traçar os perfis dos materiais didáticos disponibilizados às escolas, docentes e alunos. Diante do exposto, interessou-nos saber quais pressupostos teóricos e princípios didáticos estão subjacentes aos jogos didáticos de alfabetização do referido Programa, no que se refere às concepções de ensino e aprendizagem sobre o sistema de escrita alfabética, além das concepções sobre o uso dos jogos didáticos de alfabetização.

Para compreender as concepções subjacentes aos jogos de alfabetização do Programa Criança Alfabetizada, utilizamos uma metodologia de caráter documental (LAVILLE; DIONNE 1999), tendo como fonte de dados o “Manual do Professor – Almanaque Ilustrado de Alfabetização Ano 1 e Ano 2”, distribuídos para os professores e disponíveis em escolas das redes públicas de PE. A análise e o tratamento dos dados produzidos ocorreram, ancorando-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa (MINAYO, 2008) por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1979).

2 Fundamentação teórica

Quando nos debruçamos sobre os estudos desenvolvidos sobre a escrita alfabética, deparamo-nos com uma variedade de concepções que apontam diferentes formas de compreensão sobre a escrita, o seu funcionamento e os processos de ensino e aprendizagem orientados por essas concepções. Morais (2012) faz um apanhado dos diferentes pressupostos teóricos e didáticos que caracterizam alguns métodos de alfabetização, desde os tradicionais, relacionados aos métodos sintéticos e analíticos, até às concepções construtivistas. Para o autor, embora os métodos tradicionais de alfabetização apresentem pressupostos distintos, comungam da mesma ideia empirista/associacionista de aprendizagem, na qual o aprendiz adquire conhecimento pronto, exterior a ele, por meio da repetição/cópia e memorização.

² O Programa conta com materiais complementares ao livro didático (o Almanaque Ilustrado de Alfabetização – Coletânea de Textos e Coletânea de Atividades), para os alunos do primeiro e segundo anos do ensino fundamental, e o “Manual do Professor – Almanaque Ilustrado de Alfabetização Ano 1 e Ano 2”, para os professores dessas turmas.

Por outro lado, os estudos preconizados por Emília Ferreiro e seus colaboradores, no âmbito da teoria da psicogênese da escrita, impulsionaram mudanças nas formas de conceber a escrita, seu ensino e aprendizagem, mudanças essas impulsionadoras de críticas aos métodos tradicionais de alfabetização e suas cartilhas, que concretizavam esses métodos (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Somaram-se também aos pressupostos apresentados pela psicogênese da escrita os estudos sobre o letramento, perspectiva na qual é evidenciada a necessidade de desenvolver habilidades de uso social da leitura e da escrita de forma competente. Nessa proposta, deve-se aliar o ensino das propriedades do sistema de escrita alfabética e suas convenções às práticas sociais de leitura e escrita, culminando, dessa forma, no que Soares (1998) chama de “alfabetizar letrando”, ou seja, o ensino da leitura e da escrita contextualizado em práticas sociais de leitura e de escrita.

Nessa direção, defendemos que o desenvolvimento das habilidades relativas ao domínio do sistema de escrita alfabética pode e deve ocorrer por meio de atividades lúdicas e prazerosas que proponham o brincar com as palavras. Partindo do princípio que é possível promover o brincar com as palavras como uma das estratégias para o ensino da língua, compreendemos que os jogos de alfabetização assumem um lugar privilegiado.

Leal e Silva (2011) afirmam que os jogos de palavras são importantes recursos quando se trata de promover a compreensão da escrita alfabética e as relações entre a pauta sonora e a escrita das palavras, de forma lúdica e prazerosa. Assim como Soares (2011), defendem a presença sistemática dessas atividades na rotina escolar desde a Educação Infantil.

Silva e Morais (2011, p. 15) afirmam que os jogos com palavras são uma possibilidade de “desvelar, compreender e dominar” o alfabeto, tendo em vista que tal compreensão continua sendo peça chave para alfabetização. Além disso, inserir os jogos com as palavras no contexto escolar para o ensino e a reflexão sobre o sistema de escrita alfabética e suas convenções é aproveitar aspectos do cotidiano de crianças, jovens e adultos para tornar o ensino da língua palpável. Com isso, pode-se promover “um ensino que permita aos alunos tratar as palavras como objetos com os quais se pode brincar – e de uma forma menos ritualística – aprender” (SILVA; MORAIS, 2011, p. 24).

Vale ressaltar que pressupomos que os jogos com as palavras são uma revolução na forma de ensinar que, por si, só resolveriam os diversos impasses travados diariamente para alfabetizar as crianças ou mesmo jovens e adultos. Na verdade, trata-se de possibilidades de refletir acerca do sistema de escrita e suas convenções de forma significativa e prazerosa. Mas não podemos desconsiderar que nem todo jogo ofertado aos professores e alunos é baseado em concepções significativas de compreensão da escrita. Por isso, consideramos fundamental compreender as concepções teóricas que fundamentam os materiais didáticos disponibilizados às escolas.

3 Concepções teóricas sobre o ensino da escrita alfabética subjacentes aos jogos de alfabetização

3.1 Concepções sobre a aprendizagem do sistema de escrita alfabética

Nos manuais didáticos do Programa Criança Alfabetizada, é tecida uma série de reflexões sobre a aprendizagem do sistema de escrita alfabética a partir das quais é possível apontar que: para compreender sua lógica de funcionamento é preciso perceber o que a escrita nota e como faz essas notações; sua apropriação depende das experiências vivenciadas pelas pessoas dentro e fora da escola; os alfabetizandos elaboram hipóteses durante o processo de aprendizagem do sistema; a elaboração de representações alfabéticas pelos aprendizes ocorre mentalmente e de modo particular, mas as interações estabelecidas com outros (sejam os colegas ou os professores) são imprescindíveis nesse processo; a elaboração de hipóteses de escrita respeita uma ordem de evolução conceitual; em cada hipótese de apropriação da escrita alfabética existem diferentes necessidades de aprendizagem; para se apropriar do sistema de escrita alfabética é necessário dominar suas propriedades e análises sobre os fonemas ou sílabas isoladas não fazem sentido para as crianças em processo inicial da alfabetização (quando os alfabetizandos ainda não compreendem que a escrita nota segmentos sonoros da fala) (PERNAMBUCO, 2018b).

No trecho logo abaixo apresentado, muitos dos aspectos anteriormente listados são reunidos.

Numa perspectiva construtivista de aprendizagem, a criança vai aos poucos descobrindo e decifrando que as letras substituem segmentos pronunciados nas palavras. Assim, de forma evolutiva, o pensamento e as ideias do aprendiz vão se transformando, de modo a entender o que as letras representam (notam, substituem) e como funcionam para formar essas representações (PERNAMBUCO, 2018b, p. 13).

Na abordagem dos materiais do Programa Criança Alfabetizada, explicitam-se claramente os limites de conceber a aprendizagem da escrita alfabética simplesmente como codificação e decodificação de um código, uma vez que essa perspectiva desconsidera a complexidade envolvida no processo cognitivo de aprendizagem da leitura e da escrita. Ressaltamos que o uso do termo decifração – “a criança vai aos poucos descobrindo e **“decifrando”** que as letras substituem segmentos pronunciados nas palavras” – para se referir à descoberta de que a escrita nota os segmentos sonoros da fala, de início, pode parecer inadequado para tratar a aprendizagem da escrita alfabética a partir da concepção assumida nos materiais do Programa. No entanto, a própria discussão apresentada nos manuais didáticos do Programa Criança Alfabetizada sobre o percurso evolutivo de desenvolvimento

da escrita alfabética, de acordo com a teoria da Psicogênese da Escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985), aponta que a criança “decifra” no sentido de que compreende o que as letras notam e como fazem essa notação.

3.2 Concepções sobre o ensino do sistema de escrita alfabética

Conceber a escrita como um sistema notacional tem implicações na maneira como o ensino precisa acontecer, de modo a garantir às crianças a apropriação significativa do sistema de escrita alfabética. Pensando nisso, não faz sentido que os aprendizes sejam levados a realizar, exaustivamente, treinos e exercícios que não as ajudam a refletir sobre os princípios de funcionamento da escrita alfabética.

Desse modo, o ensino da língua pode ser promovido de forma lúdica, prazerosa e criativa. A concepção de ensino do sistema de escrita alfabética relacionada ao Programa Criança Alfabetizada ressalta a contribuição das propostas lúdicas de ensino da escrita alfabética em promover importantes reflexões metacognitivas sobre a língua e o seu funcionamento.

A análise linguística está intimamente relacionada com as reflexões acerca das hipóteses que o estudante faz sobre a língua e o seu funcionamento. Certamente as atividades metacognitivas desse eixo ficarão muito mais interessantes se o professor planejar atividades de apropriação do SEA a partir do uso de jogos e de atividades lúdicas que envolvam a consciência fonológica, por exemplo. Sem dúvida, é importante que tais atividades sejam pensadas e planejadas de forma sistemática, tendo-se como referência o perfil da turma, delineado a partir de uma avaliação diagnóstica a ser feita logo no início do ano ou do semestre (PERNAMBUCO, 2018a, p. 22).

O posicionamento expresso nos Manuais se alinha ao que Leal e Silva (2011) apontam com relação ao potencial das brincadeiras com as palavras em promover a construção de significado sobre o sistema de escrita alfabética. De acordo com Leal e Silva (2011), situações que envolvem as brincadeiras com as palavras podem ser estratégias significativas no trabalho com a linguagem no processo de alfabetização, por permitir às crianças o desenvolvimento de habilidades importantes para a aprendizagem da escrita alfabética, como comparar as semelhanças sonoras e o tamanho das palavras, identificar e produzir rimas, segmentar palavras em sílabas, enfim, desenvolver a consciência fonológica.

3.3 Concepções sobre o uso dos jogos de alfabetização

O ensino e a aprendizagem sobre os quais estamos discutindo está relacionado ao uso dos jogos didáticos de alfabetização do Programa Criança Alfabetizada. Nos manuais

didáticos do programa, os apontamentos são direcionados a indicar o potencial dos jogos para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

O professor pode programar atividades de reflexão e análise das propriedades do SEA, através de jogos ou brincadeiras que auxiliem no aprofundamento e na consolidação das aprendizagens esperadas para a apropriação da escrita alfabética. Em especial, destacamos os jogos de alfabetização ou de outras áreas, as brincadeiras com a língua, com músicas, cantigas de roda, parlendas, poemas, quadrinhas, adivinhas, cruzadinhas, anedotas e outros jogos de atividades de análise fonológica que ajudem na descoberta das relações grafofônicas (PERNAMBUCO, 2018a, p. 29).

Compreendemos que os jogos não são suficientes para alfabetizar. Logo, seria preciso usá-los aliados a outras estratégias. Subjacente a esse apontamento, existe a assertiva de que os jogos, apesar de serem recursos que podem promover interessantes reflexões metalinguísticas, tendo se mostrados como aliados na tarefa de compreender o que a escrita representa e como faz essas representações, não são suficientes para garantir a alfabetização. Ou seja, é preciso mobilizar estratégias e recursos outros para ajudar os alfabetizandos nessa tarefa. Dito de outro modo, os jogos não podem ser o plano único para alfabetizar, mas podem fazer parte desse plano juntamente com outras atividades que se complementem.

Essa concepção não está diretamente mencionada nos manuais de Jogos do Programa Criança Alfabetizada. No entanto, embora essa ideia não seja apresentada explicitamente nos manuais do referido Programa, os recursos a ele relacionados integram um material de natureza complementar ao trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor. Por esse motivo, podemos afirmar que a ideia de que os jogos não são suficientes para a aprendizagem da escrita alfabética está subjacente aos recursos desse Programa. Além disso, os materiais do Programa não contemplam apenas os jogos de alfabetização, mas reúnem um conjunto de textos e atividades variadas (inclusive de várias áreas do conhecimento). Ou seja, eles já estão contextualizados dentro de um conjunto de outras atividades.

Por fim, consideramos prudente destacar que, nos manuais do Programa Criança Alfabetizada, enfatiza-se a necessidade de estabelecer, conforme já dito, um ensino sistemático com as palavras, de reflexão sobre suas características orais e escritas. Essa sistematicidade é imprescindível para ajudar as crianças a compreenderem como a escrita representa as palavras que falamos, conhecimento esse que as crianças não constroem sozinhas, naturalmente, a partir do contato com a cultura escrita (embora esse contato seja indispensável), pois a escrita não é instintiva como a fala, ao contrário, “é uma invenção cultural, a construção de uma visualização dos sons da fala” (SOARES, 2019, p. 45). Isso

implica a oferta de oportunidades para garantir às crianças a compreensão da lógica de funcionamento da escrita alfabética com qualidade.

4 Considerações finais

Diante do reconhecimento de diferentes perspectivas disputando a hegemonização de seus pressupostos teóricos no campo da alfabetização, a análise aponta, por um lado, um distanciamento de concepções tradicionais de ensino da escrita alfabética e, por outro, a adoção de perspectivas construtivistas de tratamento da língua escrita, seu ensino e aprendizagem.

Na coleção dos jogos didáticos de alfabetização analisada, assume-se, como vimos, a necessidade de estabelecer sistematicidade no ensino, mantendo um plano de trabalho organizado e planejado para promover a compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética, o que envolve a mobilização de metodologias diversas para garantir maiores chances de reflexão sobre as palavras e suas unidades menores, bem como os princípios do SEA.

Nos manuais da coleção de jogos analisada, a intenção por trás da elaboração de materiais didáticos parece relacionar-se ao desejo de apontar caminhos e apresentar ideias para que os professores conheçam novas possibilidades e diversifiquem suas práticas, opondo-se às tendências que impõem materiais determinantes do trabalho docente para serem seguidos à risca.

Por fim, com base no que foi exposto, reiteramos que a materialização e a validação desses recursos são realizadas na prática cotidiana e sob a influência dos sujeitos envolvidos e os contextos sociais, culturais e políticos onde estão inseridos. Além disso, a maneira como os recursos são utilizados e os encaminhamentos feitos pelos professores são imprescindíveis para garantir que a criança reflita sobre as palavras (seus sons e notações), sem que isso se torne algo enfadonho e sem sentido, ou seja, promover o uso pedagógico de materiais lúdicos, articulando brincar e aprender, ou seja, o “aprender brincando” ou “brincar aprendendo”.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
LEAL, T. F.; SILVA, A. Brincando, as crianças aprendem a pensar e a falar sobre a língua. In: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (Orgs.). **Ler e escrever na**

Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 53-72.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética.** Melhoramentos, 2012.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Almanaque ilustrado de alfabetização: ano 1:** manual do professor. Organizadoras: Ana Cláudia Gonçalves Pessoa, Ester Calland de Sousa Rosa, Telma Ferraz Leal. – Recife: A Secretaria, 2018a.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Almanaque ilustrado de alfabetização: ano 2:** manual do professor. Organizadoras: Ana Cláudia Gonçalves Pessoa, Ester Calland de Sousa Rosa, Telma Ferraz Leal. Recife: A Secretaria, 2018b.

SILVA, A.; MORAIS, A. G. Brincando e aprendendo: os jogos com palavras no processo de alfabetização. In: LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexsandro da (Orgs.). **Recursos didáticos e ensino de língua portuguesa:** computadores, livros... e muito mais. Curitiba: Editora CRV, 2011.

SOARES, M. B. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. B. Aprendizagem lúdica. **Revista Educação**, 2011. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/aprendizagem-ludica/>. Acesso em: 26 mar. 2019.